



Interdisciplinaridade e Comunicação: contribuições e críticas¹

Katrine BOAVENTURA²
Universidade de Brasília, UnB

RESUMO

A proposta interdisciplinar de Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini e Guillermo Orozco Gómez, autores vinculados aos Estudos Culturais Latino-Americanos, conquistou larga repercussão entre os pesquisadores brasileiros. Entretanto, falta clareza na definição de interdisciplinaridade e/ou transdisciplinaridade, fato que se reflete na pesquisa no Brasil. A proposta interdisciplinar sofre críticas no âmbito internacional e alguns autores brasileiros chamam a atenção para a importância da definição de um objeto próprio para a Comunicação, constituída como ciência. Dessa forma, faz-se necessário analisar criticamente as contribuições que a perspectiva interdisciplinar pode trazer para a área.

PALAVRA-CHAVE: Teorias da Comunicação; Interdisciplinaridade; Estudos Culturais Latino-Americanos.

Introdução

A partir da leitura de obras de Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini e Guillermo Orozco Gómez e da análise de alguns dos principais conceitos trabalhados por esses autores, foi possível proceder a algumas constatações. A investigação se deu em torno das definições para Recepção, Estudos Culturais, Comunicação, Mediação, entre outros (BOAVENTURA, MARTINO, 2010).

Inicialmente, observou-se as importantes contribuições que os estudos de recepção, sob a ótica dos Estudos Culturais Latino-Americanos, trouxeram para o campo do saber comunicacional. A descoberta do receptor – ou redescoberta, como preferem considerar alguns estudiosos da área, por exemplo, Curran (1992, p. 56) – foi fundamental para os rumos percorridos pela pesquisa em Comunicação nos anos recentes.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília, UnB, email: katrineboaventura@gmail.com.



Essa tomada da recepção como objeto de estudo e, além disso, como um *lugar para a investigação*, conforme explicam os autores, possibilitou inúmeras rupturas que trouxeram novos olhares para o campo. O receptor como parte importante do processo comunicativo, responsável pela produção de sentido, ativo, crítico e capaz de participar da comunicação é, inquestionavelmente, uma proposição renovadora para a área.

Também é consenso entre os pesquisadores do campo a importância da cultura para o saber comunicacional. A valorização dessa instância pelos Estudos Culturais trouxe para o centro das preocupações dos investigadores do campo a cultura e suas inter-relações com o processo comunicativo.

Outra preocupação de Martín-Barbero, García-Canclini e Orozco é com a necessidade de o contexto ser levado em consideração nas pesquisas de recepção. De tal posicionamento decorre a defesa da interdisciplinaridade, uma vez que o processo de recepção, em sua complexidade intrínseca, não poderia ser estudado na perspectiva de uma única disciplina. Por conseguinte, a interdisciplinaridade é entendida como uma alternativa para se estabelecer a recepção como um objeto do saber comunicacional. Mas a mesma falta de convergência e as contradições em relação aos conceitos trabalhados por esses autores, apontadas em artigo anterior (BOAVENTURA, MARTINO, 2010), também podem ser constatadas no que tange à definição de interdisciplinaridade.

Proposta interdisciplinar dos Estudos Culturais Latino-Americanos

Defende-se que o estudo de objetos de pesquisa complexos como os da Comunicação não poderia ser implementado no âmbito de uma única disciplina acadêmica. Propõem-se, então, que o pesquisador transite por várias áreas do conhecimento para desenvolver uma pesquisa interdisciplinar, fugindo das especificidades inerentes a um único saber.

O próprio termo a ser utilizado para designar esse tipo de pesquisa não é consenso: também podem ser empregados, entre outros, multidisciplinaridade ou transdisciplinaridade. Ora esses termos são usados como sinônimos, ora como modalidades diferentes de investigação, nem sempre ficando suficientemente explícito o que cada um desses autores entende por interdisciplinaridade/ transdisciplinaridade/ multidisciplinaridade.

Néstor García Canclini realiza um esforço para especificar o que entende por



transdisciplinaridade, contrastando-a com a interdisciplinaridade:

Mas como realizar um trabalho científico com essa noção dispersa, essa existência disseminada do popular, apreendida em um lugar pelos folcloristas, em outro pelos sociólogos, acolá pelos comunicólogos? É uma pergunta que nenhuma associação pode responder sozinha. Se existe um caminho, não acreditamos que possa prescindir do trabalho transdisciplinar. Não digo interdisciplinar porque isto costuma significar que os diversos especialistas justapõem conhecimentos obtidos fragmentária e paralelamente (GARCÍA-CANCLINI, 2008, p. 281).

Ou seja, o trabalho transdisciplinar se refere a um mesmo pesquisador trabalhando diversas instâncias do objeto, utilizando aportes de diferentes disciplinas. Mas, por outro lado, apesar de julgar necessário que o conhecimento seja obtido de uma maneira que ultrapasse a divisão disciplinar, ele admite a existência de diferentes especialidades:

Ter trabalhado com antropólogos, sociólogos, comunicólogos e historiadores da arte deu-me a possibilidade de obter informações novas e multifocais sobre as interações microssociais na vida cotidiana e sobre as macro-tendências de que falam os censos e as enquêtes. Coordenar as contribuições de uns e de outros foi, mais do que uma tarefa administrativa ou de rotina acadêmica, experimentar o estimulante desafio de suas discrepâncias (GARCÍA-CANCLINI, 2006, p. 51).

García-Canclini reconhece que cada área do saber pode contribuir com conhecimentos específicos. Mas, ao se colocar na perspectiva da transdisciplinaridade, não deixa claro como seriam obtidos esses saberes especializados, se todos os pesquisadores trabalhassem na perspectiva transdisciplinar. O autor também não esclarece se seria a transdisciplinaridade externa a todas as ciências, um tipo de trabalho paralelo ao conhecimento que já existe.

Além disso, não explicita se não seria demasiado esperar que um mesmo pesquisador seja capaz de trabalhar competentemente articulando conhecimentos de diferentes áreas do saber. Ainda mais com a profundidade desejável.

Neste ponto, uma contradição pode ser observada: ao mesmo tempo em que defende a transdisciplinaridade, García-Canclini fala em especificidades comunicacionais:

É, contudo, um espaço propício para o trabalho transdisciplinar. Trata-se de um problema *comunicacional*, que exige conceitos e instrumentos metodológicos mais sutis que os habitualmente usados nas pesquisas de público e de mercado. Mas a teoria e as técnicas de observação *antropológica*, o treinamento dessa disciplina para obter conhecimentos diretos nas microinterações da vida cotidiana, podem ajudar a entender



como os discursos da mídia se inserem na história cultural, nos hábitos de percepção e compreensão dos setores populares (2008, p. 263-264).

Guillermo Orozco Gómez propõe que na pesquisa qualitativa, tipo de pesquisa que defende para os objetos da comunicação, deve-se buscar a interdisciplinaridade, como união de conhecimentos de diferentes disciplinas a fim de possibilitar a compreensão integral do objeto de estudo:

Se pretende unir conocimientos de distintas disciplinas que nos permitan un conocimiento más integral del objeto de estudio. Dificilmente podamos decir que en el campo de la comunicación social utilizamos sólo teoría de la comunicación: al hacer investigación cualitativa estamos implementando conocimientos, aportaciones de otras disciplinas, como la antropología, la sociología, los estudios culturales, la historia, la política. En la medida en que logremos hacer nuestro objeto más interdisciplinario, arribaremos a conclusiones más ricas y completas que nos permitan entender mejor nuestro objeto (1997, p. 82).

Mas este autor reconhece que o trabalho interdisciplinar esbarra em uma limitação: a dificuldade de encontrar uma terminologia comum entre as diferentes áreas:

Tenemos que ser concientes de los matices que le dan sustancia a nuestra propia terminología de investigación. Esto como un punto de partida para cualquier trabajo que busque ir más allá de una disciplina. No es nada fácil: es bastante complicado, pero el inicio de la interdisciplinariedad está en poder ser capaces de tener la claridad suficiente, expresar esta claridad, que pueda ser puesta en común y que podamos ver en qué aspecto coincidimos y desde dónde podemos ubicarnos en el trabajo interdisciplinario (1997, p. 65).

Mesmo defendendo o trabalho interdisciplinar, fala também em uma ciência da Comunicação específica.

Hay ciertas disciplinas que crean su propio objeto de estudio, su propia forma de investigación, su propia epistemología, su propia forma de revalidarlo; en tal caso, sería lo que puede denominarse la *ciencia de la comunicación* (1997, p. 41).

Martín-Barbero estende a proposta interdisciplinar para além do campo da Comunicação. Segundo ele, as mudanças que emergem na comunicação, estariam alterando a própria estrutura do saber, ao romper as fronteiras entre disciplinas. Daí o porquê, segundo o autor, de antropólogos e sociólogos rejeitarem se encarregar da comunicação, por perceberem que as mudanças também afetam seus campos:

E especialmente na rejeição das ciências sociais a se encarregar da nova *cultura comunicacional* há algo mais que o déficit de legitimidade acadêmica que sofre em termos de “objeto” recente. Pareceria mais que

sociólogos e antropólogos percebessem, obscuramente, o despedaçar-se das fronteiras que aquela traz em si – incluídas as dos seus campos de estudo – pela configuração de objetos móveis, nômades, de contornos difusos, impossíveis de encerrar nas malhas de um saber positivo e rigidamente parcelado. Até lá aponta o desafio: há nas transformações da sensibilidade que emergem *na experiência comunicacional* um fermento de mudanças no próprio saber, o reconhecimento de que por aí passam questões que atravessam por inteiro o desordenamento da vida urbana, o desajuste entre comportamento e crenças, a confusão entre realidade e simulacro (2004, p. 258).

Martín-Barbero (2004, p. 426) diz que identificar a comunicação com “UMA disciplina é reduzir o *campo* a uma *parcela*”. O autor defende que essa redução, por mais rica que seja esta parcela, “não poderá nunca deixar de ser um empobrecimento deformante e uma usurpação... das quais, de certa forma, se alimentam e vivem os prestígios do mundinho acadêmico, e onde justamente morre a investigação”.

Além disso, Martín-Barbero (2006, p. 280) acusa a necessidade de seguranças teóricas dos pesquisadores, que exigiria a busca de uma teoria única para a Comunicação, como a responsável por deixar a “verdade cultural dos países latino-americanos” em segundo plano. Entretanto, Martín-Barbero reconhece que sua tentativa de trabalhar segundo essa perspectiva tornou seu trabalho “irreconhecível” tanto para pesquisadores sociais, quanto para os filósofos.

Daí que minha investigação tenha sido dedicada em grande medida a “minar” as seguranças que o *objeto* próprio procura, abrindo orifícios por onde oxigenar o campo e conectá-lo com as preocupações da reflexão filosófica e as buscas das ciências sociais, tematizando insistentemente as mediações que articulam as práticas de comunicação com as dinâmicas culturais e os movimentos sociais. Mas também me senti *fora de lugar* em outro sentido: se o meu talante filosófico incomodou constantemente aos peritos *comunicólogos*, minha aposta em situar a análise dos processos, os meios e as práticas de comunicação num lugar central das ciências sociais deslocou meu trabalho até torná-lo *irreconhecível* durante muito tempo para boa parte dos pesquisadores sociais e mais ainda entre os filósofos... E isso apesar de que minha “divisa” tenha sido pensar as *mediações* e investigar a comunicação *a partir da cultura* (2004, p. 20-21).

Segundo o autor, a perda do “objeto próprio” para a Comunicação levou ao encontro do “caminho do movimento social na comunicação, a comunicação em processo”. Ele fala, ainda, que outros, “gente das artes e da política, da arquitetura e da antropologia”, começaram a, sem falar de “comunicação”, questioná-la, trabalhá-la, produzi-la (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 280). Para se incluir no “âmbito das legitimidades teóricas”, a comunicação teria se subordinado a certas disciplinas, como psicologia e cibernética. E para sair dessa condição, a Comunicação teria pago “um



custo muito mais alto”, que seria o esvaziamento de sua especificidade histórica em troca de uma concepção instrumental, “como a que espera que as transformações sociais e culturais sejam efeito da mera implantação de inovações tecnológicas” (*idem*, p. 287-288). Seria preciso perder essas seguranças para que se possa “ouvir o som das novas situações e dos novos problemas” (2004, p. 123). Os latino-americanos estariam começando a “inventar” no campo da comunicação/cultura, ao “indisciplinar os saberes diante das fronteiras e dos cânones”, de acordo com Martín-Barbero (p. 2004, p. 19).

Martín-Barbero (2004, p. 110) acredita, ainda, que a derrubada das fronteiras acadêmicas que limitam o campo da comunicação possibilita o encontro com a reflexão feita por sociólogos, antropólogos, historiadores e pesquisadores de outras áreas. Na América Latina, os limites do campo da comunicação teriam uma nova relação “com e desde as disciplinas sociais”, definida por apropriações: “desde a comunicação trabalham-se processos e dimensões que incorporam perguntas e saberes históricos, antropológicos, estéticos” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 218-220). E as ciências como a sociologia, a antropologia e a ciência política estariam tomando como objetos, não apenas de forma marginal, os meios e os modos de operar das indústrias. Além disso, Martín-Barbero acredita que é crescente a consciência do estatuto transdisciplinar como uma característica do campo da comunicação, em oposição aos outros saberes disciplinares. Embora, contraditoriamente, isso não signifique ausência de especificidades para a Comunicação.

Transdisciplinaridade que de modo algum significa a dissolução dos problemas-objetos do campo da comunicação nos de outras disciplinas sociais, mas a construção das articulações e intertextualidades que fazem possível pensar as mídias e as demais indústrias culturais como matrizes de desorganização e reorganização da experiência social e da nova trama de atores e estratégias de poder (2004, p. 249).

Mas o autor reconhece que a proposta da transdisciplinaridade provoca tensões.

Ligado ao anterior, configura-se outro âmbito de tensões: na medida em que a institucionalização de um campo supõe sua especialização disciplinar, a *especificidade latino-americana* que se expressa na proposta de inserir a pesquisa de comunicação no espaço das ciências sociais e no desenvolvimento dos estudos culturais suscita ultimamente polêmicas desqualificações. De um lado, o propósito de focalizar como eixo dos estudos a trama social dos processos comunicativos é visto como um obstáculo à delimitação do “objeto próprio” da disciplina, objeto que estaria, há tempos, definido pelo paradigma informacional e pela análise semiótica; e de outro esforço por assumir a envergadura e a espessura cultural da massmidiação é confundido com um culturalismo que despolitizaria os processos esquecendo o peso das estruturas de poder. Desde ambos os lados a *transdisciplinaridade* tem se convertido em

catalisador de mal-estar e suspeitas, sendo acusada a falta de rigor e seriedade metodológica que lastraria a pesquisa latino-americana, impedindo-lhe atingir sua maioria, ou de desvalorizar a importância do empírico na complexa tarefa de construção dos “novos objetos” (Martín-Barbero, 2004, p. 247-248).

Nas proposições de Orozco e Martín-Barbero pode-se perceber também uma confusão entre Comunicação, entendida como uma ciência com um objeto de estudo constituído, e o processo comunicativo, fenômeno empírico que pode ser estudado a partir das diversas disciplinas constituídas. Além disso, os autores defendem que a utilização de instrumentos metodológicos e conceituais de outras disciplinas pela Comunicação inviabilizaria a constituição desta como disciplina autônoma. Mas “Cada uma das disciplinas pode receber das outras as suas técnicas, os seus conceitos, as suas leis, os seus dados, modelos, teorias e explicações – tudo, enfim, que for útil para as investigações que realiza” (KAPLAN, 1975, p. 6). E isso não implica em que estas pesquisas percam sua autonomia, pois “A autonomia da pesquisa não é, de modo algum, incompatível com a dependência de umas ciências em relação a outras” (*idem*).

Proposta interdisciplinar no Brasil

A interdisciplinaridade é uma proposta largamente difundida na pesquisa em Comunicação no Brasil. Vide os estudos de recepção, que têm como principal referencial teórico os Estudos Culturais Latino-Americanos. Mas também encontra os mesmos desafios em termos de definição. Maria Immacolata Vassallo de Lopes, por exemplo, aponta que interdisciplinaridade e transdisciplinaridade são conceitos diferentes. O primeiro estaria ligado a uma proposta já superada:

Em trabalho anterior, Wallerstein (1991) já criticara os méritos da pesquisa e do ensino interdisciplinar em seu duplo sentido. O primeiro é o da combinação de perspectivas de diversas disciplinas sobre um objeto (por exemplo, o trabalho), e a lógica dessa abordagem leva à formação de uma equipe multidisciplinar ou a um só pesquisador estudando diversas disciplinas relacionadas ao objeto. O segundo sentido é o da localização do objeto nas fronteiras de duas ou mais disciplinas, sendo que a lógica desta abordagem pode dirigir-se eventualmente ao desenvolvimento de uma nova disciplina autônoma (é o que aconteceu com a lingüística, por exemplo). (LOPES, 2003, p. 285-286).

Lopes defende, portanto, o trabalho transdisciplinar para a área da Comunicação, quer seria:

(...) um movimento para a superação dos limites entre especialidades fechadas e hierarquizadas, e o estabelecimento de um campo de discurso e



práticas sociais cuja legitimidade acadêmica e social vai cada vez mais depender da profundidade, extensão, pertinência e solidez das explicações que produza, do que do prestígio institucional acumulado (LOPES, p. 287-288).

Porém, mais adiante, faz duas observações sobre a transdisciplinaridade:

A primeira é que a reestruturação transdisciplinar das ciências sociais não implica dissolver a formação de pesquisadores nem a prática científica em generalidades, mas sim em articular nela a experiência e os recursos de diversos ramos e enfoques em uma síntese que, na proliferação de objetos de estudo abordados, conflua enquanto lógica científica para a produção de conhecimento pertinente e consistente, e que responda às necessidades sociais, além das “grupais”, que em todo caso se somariam em uma identidade maior para assim fortalecer-se. A segunda observação é que a transdisciplinarização assim entendida não supõe uma arbitrária e radical dissolução da estrutura disciplinar no institucional, e menos no cognoscitivo ou enquanto processo de formação. É precisamente com a conquista do rigor teórico-metodológico e a ampliação e consolidação do domínio dos saberes até agora fragmentados em disciplinas que nós, pesquisadores nas ciências sociais, poderemos avançar, a partir do espaço acadêmico, juntamente, com o nosso tempo sociocultural (LOPES, 2003, p. 290-291).

Ou seja, o trabalho transdisciplinar teria tanta necessidade de se valer das especificidades disciplinares quanto a pesquisa interdisciplinar, não ficando explicitada com clareza a diferença entre as propostas e a forma de tornar operacional a abordagem transdisciplinar.

É importante observar que os autores supracitados vinculados aos Estudos Culturais Latino-Americanos têm influência no trabalho de Lopes, como pode ser observado na passagem: “São os percursos disciplinares já trilhados nas tradições dos estudos da comunicação que autorizam parafrasear Canclini: ‘Estudar a (cultura) comunicação requer converter-se num especialista de intersecções’ (Canclini, 1999:69)” (LOPES, p. 283). Tal fato pode ser apontado como uma das causas prováveis da dificuldade de explicitar a diferença entre as propostas interdisciplinar e transdisciplinar, uma vez que esta não está clara também para os autores vinculados aos Estudos Culturais Latino-Americanos.

Críticas à interdisciplinaridade

Uma das críticas que têm sido feitas ao pensamento interdisciplinar é que, em vez de proporcionar aprofundamento e maior compreensão, acabaria levando à



superficialidade. Na verdade, não seria superada a divisão disciplinar. Roberto Follari questiona essa proposta, pois:

Sostenerla con una suficiente rigurosidad, exigiría proponer una estructura académica alternativa (cosa que no vemos que se practique) y demostrar que esa nueva estructura concentraría el poder de manera significativamente menos marcada que la departamental. Afirmamos que se trata de posturas que en realidad han reemplazado la crítica del poder académico por la de la departamentalización, lo cual permite ejercer veladamente otros modos de tal poder académico ahora “antidisciplinario”, tales como la ocupación simultánea (en nombre de la interdisciplina) de varios espacios disciplinares y departamentales a la vez (lo cual, obviamente, es muestra de cierta necesaria inadecuación a la especificidad de cada una de ellos), o la ubicación privilegiada en los “Area studies” tan propios de las universidades estadounidenses, en los cuales no se ve que el poder institucional se haya diluido (y no hay en realidad ninguna razón por la cual se debiera haber esperado tal dilución) (FOLLARI, 2002, p. 83-84).

Além disso, os partidários da interdisciplinaridade incorrem, muitas vezes, em contradição, pois reconhecem que não têm condições para aprofundar certos aspectos de suas análises, tornando-as superficiais por não dominarem o conhecimento especializado. Como questiona Follari:

¿Puede creerse plausiblemente que la “síntesis” operada por un autor no sea aquella funcional a su propia y específica formación? Aquí encontramos parte de la explicación de los déficits de los EC [*Estudios Culturales*] en Latinoamérica desde el punto de vista de lo económico y lo sociológico. “Yo no soy economista”, responde G. Canclini cuando se le pregunta por el lugar que ocuparía lo económico en una perspectiva de lo que yo llamo interdisciplinar. Por cierto: sólo un buen economista podría incluir suficientemente la perspectiva económica (FOLLARI, 2002, p. 88).

Isto entraria em choque com o preceito, reivindicado como fundamental, de que nenhuma disciplina seria suficiente para dar conta de fenômenos complexos, como o da recepção, por exemplo. Se propondo abrangentes, estes estudos não poderiam superar a superficialidade decorrente de uma falta de preparação adequada para desenvolver as análises que se propõem. Pois, como afirma Follari:

(...) la disciplinariedad no es un mal epistémico a exorcizar. La especificidad de las disciplinas no es una maldición que hubiera caído sobre el previo logro de un conocimiento unificado, sino el procedimiento analítico imprescindible para avanzar en el conocimiento científico. No habría ciencias, si éstas no se hubieran especificado diferencialmente entre sí, terminando con la previa unidad metafísica del conocimiento. De manera que habrá que cuidarse de, bajo la idea de acercar las disciplinas en algún enriquecimiento potenciador, volver a situaciones “presdisciplinares”. Es decir, existe – si no se hace la discusión epistemológica necesaria – la posibilidad de estipular discursos ingenuos sobre la supuesta superación de las disciplinas, que en realidad no sean superación, sino simple negación de su especificidad constitutiva (*idem*, p. 85-86).

Edison Otero Bello também questiona a proposta da interdisciplinaridade como uma solução:

De una parte, los estudios culturales revelan estar, no más allá del escenario de las disciplinas humanísticas y sociales (cualquiera se ala definición de su estado actual), sino más acá, en un estadio intelectual predisciplinario, con manejos metodológicos rudimentarios y una teorización elemental y simplista, todo ello enmascarado por una retórica demagógica (2006, p. 71).

O próprio Néstor García Canclini, defensor da proposta transdisciplinar dos Estudos Culturais, aponta falhas:

El otro aspecto crítico que deseo destacar es que la enorme contribución realizada por los estudios culturales para trabajar transdisciplinariamente y con procesos interculturales – dos rasgos de esta tendencia – no va acompañada por una reflexión teórica y epistemológica. Sin esto último, puede ocurrir lo que tantas veces se ha dicho de los estudios literarios, del folclor y de otros campos disciplinarios: que se estancan en la aplicación rutinaria de una metodología poco dispuesta a cuestionar teóricamente su práctica (1997, p. 45-60).

Carlos Reynoso questiona ainda o que estaria conferindo aos Estudos Culturais a prerrogativa para trabalhar fora das disciplinas constituídas. Razões que não são explicitadas por nenhum autor da área:

[Richard] Johnson no desarrolla (ningún outro autor lo hace) la cuestión de cuáles son los títulos que promueven a los estudios culturales como una especie de supersociología de la ciencia, ni las experiencias y los logros que los eximen de la falsa conciencia o de las determinaciones contextuales de las que las disciplinas convencionales se encuentran prisioneras, como si la mera comprensión de su carácter provisional y relativo proporcionara una clarividencia suplementaria, o fueran sustancia suficiente para formular un orden nuevo. Y como si la reciente conversión de los estudios culturales en una disciplina académica formal tampoco afectara la superioridad que creen gozar (REYNOSO, 2000, p. 48-49).

Este mesmo autor se posiciona em relação à contradição existente entre, de um lado, a defesa do trabalho além das divisões disciplinares e, até mesmo, contra essa separação – antidisciplinaridade – e, por outro lado, o reconhecimento de especificidades disciplinares:

No hay que sorprenderse si el culturismo pasa sin estaciones intermedias de la antidisciplinariedad a la interdisciplinariedad. Los culturistas creen que las disciplinas son todas más o menos perniciosas; pero también creen que (por una razón que nunca se explica) la combinación de dos o más de ellas genera de algún modo un conocimiento óptimo. Si la interdisciplinariedad que algunos autores plantean como definitoria del movimiento fuera la solución a las estrecheces de las disciplinas consideradas individualmente,



hay que decir que los estudios culturales tampoco elaboraron con algún pormenor esa posibilidad. Así como jamás se desarrolló la crítica que debería dar respaldo a su postura antidisciplinaria, la prédica en favor de la interdisciplinariedad tampoco se apoya en un razonamiento sustantivo (*idem*, p. 53).

Críticas à proposta interdisciplinar no Brasil

A proposta interdisciplinar – amplamente aceita pelos pesquisadores brasileiros – tem sido pouco problematizada no país. Alguns pesquisadores, entretanto, a criticam e defendem a importância da definição de um objeto próprio para a Comunicação.

Luiz Martino aponta que a variedade de abordagens aparentemente irreconciliáveis em torno de uma disciplina tem como consequência que:

(...) tais trabalhos acabam optando pela impossibilidade do estabelecimento de uma disciplina (ou saber autônomo), deixando as portas abertas para uma vaga e inconsistente concepção *interdisciplinar*, que acima de tudo tem funcionado como uma justificativa para a dispersão e os equívocos de um conjunto teórico indefinível (2007, p. 24).

A diversidade de objetos e pesquisas é apontada como uma das causas da impossibilidade de uma abordagem científica dos objetos da Comunicação. Martino, porém, afirma que:

A diversidade nunca foi um empecilho para a ciência, seja a diversidade dos fenômenos, seja a diversidade de compreensões, explicações ou de teorias. Não é válido pretender tirar daí um argumento contra a ciência ou apresentar isso como a evidência de um pretense “novo estado”, de uma “nova fase” do conhecimento científico. Toda tentativa de refutar o trabalho científico ou epistemológico com base na diversidade de posições ou de entendimentos, toda reivindicação de uma pretensa “falta de consenso”, acaba sendo perfeitamente inócua, pois trabalha com uma imagem muito equivocada da ciência (MARTINO, 2007, p. 119).

José Luiz Braga (2011, p.3) defende que a diversidade não é uma dificuldade específica do campo da Comunicação e que, nem mesmo, chega a constituir um problema:

A diversidade não é, aliás, uma dificuldade especial de nosso campo de estudos. Todas as áreas e disciplinas de conhecimento em CHS apresentam grande diversidade – teórica, de objetos, de abordagens. Nossa dificuldade é a dispersão – decorrente do fato de que essa diversidade não se interroga, não produz tensionamento mútuo, não se desafia por perguntas e interpretações concorrentes que exijam reflexão cruzada.



Braga propõe que “É importante, assim, procurar *enfrentar a dispersão* – que decorre do insuficiente diálogo entre estudos que poderiam se apoiar e se tensionar produtivamente. *Reduzir a dispersão não corresponde, então, a uma pretensão de reduzir a diversidade*”(idem).

Tiago Quiroga (2010, p. 147) acredita que a interdisciplinaridade, tal qual é praticada pelos pesquisadores da Comunicação, não contribui para o avanço da área:

Na verdade, em detrimento de uma ciência interdisciplinar, o que teríamos, hoje, seria uma ampla aceitação da abordagem que legitima uma perspectiva instrumental da comunicação, em que ela aparece, quase sempre, como instrumento, utensílio, aporte de outras disciplinas, o que acaba por circunscrevê-la como “lugar de passagem”.

Em vez de interdisciplinaridade, ocorreria apenas um “acoplamento teórico”, na definição do autor: “uma aproximação sem síntese das diversas modalidades exploratórias de pesquisa em que, de um modo geral, as diferentes correntes teóricas são acopladas e, assim, permanecem sob o signo da *interdisciplinaridade (idem)*”. Quiroga atribui a este processo a dificuldade de se pensar um objeto próprio para a Comunicação:

Em outras palavras, acreditamos ser insuficiente a fundamentação de que se trata de uma área interdisciplinar, posto que a justificativa, tal qual a concebemos hoje, apenas aponta para um grande acoplamento teórico. Em nosso entendimento, tal característica representa a grande dificuldade de avançarmos em torno do problema que envolve a conquista de objeto.

Conclusão

A interdisciplinaridade constitui uma proposta muito defendida na pesquisa em Comunicação no Brasil. Entretanto, sofre críticas no âmbito internacional. Mas entre os pesquisadores brasileiros essas críticas têm pouca repercussão e um número reduzido de estudiosos têm se dedicado à análise crítica dessa proposta. E as contradições aparentes nos textos que defendem a interdisciplinaridade são, muitas vezes, ignoradas.

Consideramos útil, portanto, ao desenvolvimento da pesquisa em Comunicação, investigar quais contribuições a proposta interdisciplinar pode trazer para o desenvolvimento da área. Para tanto, faz-se necessário analisar suas origens e desdobramentos epistemológicos, teóricos e metodológicos para o saber comunicacional. Assim, os pressupostos trabalhados nessa perspectiva poderiam ser melhor explicitados, a fim de uma compreensão mais aprofundada sobre as



possibilidades de pesquisa que essa proposta traz para a área.

Referências Bibliográficas

BELLO, E. El “estado del arte” en teoría de la comunicación: un ejercicio kuhniano. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, v. 29, n. 1, 2006.

BOAVENTURA, K. T.; MARTINO, L. C. Estudos Culturais Latino-Americanos: convergências, divergências e críticas. In: **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS. v. 1, n.22, p. 3-19, 2010.

BRAGA, J. L. Dispositivos Interacionais. In: Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, COMPÓS, 20, 2011, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre, 2011, disponível em <<http://www.compos.org>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

CURRAN, J. La Décennie des Révisions: la recherche en communication de masse des années 80. In: DAYAN, D. (org) **À la recherche du public** : réception, télévision, médias. France: HERMÈS – n. 11-12, 1993.

FOLLARI, R. **Teorias débiles**: para una crítica de la deconstrucción y de los estudios culturales. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2002.

GARCÍA-CANCLINI, N. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 6 ed. Rio de Janeiro: Editoria UFRJ, 2006.

GARCÍA-CANCLINI, N. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

KAPLAN, A. **A Conduta na Pesquisa**: metodologia para as ciências do comportamento. São Paulo: E.P.U, EDUSP, 1975.

LOPES, M. I. V. de. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: _____. **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MARTIN-BARBERO, J. **Ofício de Cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARTINO, L. C. As epistemologias contemporâneas e o lugar da Comunicação. In: LOPES, M. I. V. de (org). **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003, p. 69-101.



MARTINO, L. C. Uma questão prévia: existem teorias da comunicação? In: MARTINO, L. C.; BERGER, C. R.; CRAIG, R.T. **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

OROZCO-GÓMEZ, G. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa.** Guadalajara: Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario, 1997.

QUIROGA, T. Teoria e Episteme Comunicacional. In: FERREIRA, G. M.; HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; MORAIS, O. J de (orgs). **Teorias da Comunicação: trajetórias investigativas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 137-179.

REYNOSO, C. **Apogeo y decadencia de los Estudios Culturales.** Barcelona: Editorial Gedisa, 2000.